Posições da América Latina na 81ª Assembleia Geral: surpresas ou continuidades das tendências regionais?

Las posturas de América Latina en la 81ª Asamblea General: ¿sorpresas o continuidad de las tendencias regionales?

Latin American Positions at the 81st General Assembly: Surprises or Continuations of Regional Trends?

Sebastian Tobar e Sâmia de Brito

Resumo: Este informe cobre os principais eixos geopolíticos, políticos, econômicos e de saúde na América Latina. Na geopolítica e na política, as posições dos países na Assembleia Geral, o processo eleitoral e o alinhamento de governos como Argentina e Venezuela ganham destaque. Na economia, o crescimento moderado ainda permanece como resultado das políticas na região, mas minerais críticos e investimentos estrangeiros despontam em importância e, no âmbito social, a migração e a situação de gênero ganham proeminência na quinzena. No cenário de saúde, os números do sarampo preocupam e os casos de dengue devem aumentar com a influência do super El Niño. No seguimento das organizações regionais, destacamos que a Organização dos Estados Americanos (OEA) cumpriu agenda relacionada à democracia, direitos humanos e segurança regional; o Organismo Andino de Saúde Convênio Hipólito Unanue (ORAS-CONHU) participou de agenda sobre vacinação e segurança sanitária nas fronteiras entre Bolívia e Peru; a Secretaria Executiva do Conselho de Ministros de Saúde da América Central e República Dominicana (SE-COMISCA) participou de agendas sobre segurança sanitária, vigilância ambiental e promoção da saúde e a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) cumpriu agenda nos temas de monitoramento ambiental, gestão da água e segurança hídrica

Palavras-chave: América Latina; Cooperação Internacional; Saúde.

Resumen: *Este informe abarca los principales ejes geopolíticos, políticos, económicos y sanitarios de América Latina. En materia de geopolítica y política, destacan las posturas de los países en la Asamblea General, el proceso electoral y la alineación de gobiernos como los de Argentina y Venezuela. En el ámbito económico, el crecimiento moderado sigue caracterizando a la región y, en el ámbito social, la migración y la situación de género cobran protagonismo durante esta quincena. En el ámbito sanitario, las cifras del sarampión son motivo de preocupación y se prevé que los casos de dengue aumenten debido a la influencia del super El Niño. En cuanto a las organizaciones regionales, destacamos que la Organización de los Estados Americanos (OEA) cumplió con su agenda relacionada con la democracia, los derechos humanos y la seguridad regional; el Organismo Andino de Salud del Convenio Hipólito Unanue (ORAS-CONHU) participó en una agenda sobre vacunación y seguridad sanitaria en las fronteras entre Bolivia y Perú; la Secretaría Ejecutiva del Consejo de Ministros de Salud de América Central y la República Dominicana (SE-COMISCA) participó en agendas sobre seguridad sanitaria, vigilancia medioambiental y promoción de la salud, y la Organización del Tratado de Cooperación Amazónica (OTCA) abordó temas relacionados con el seguimiento medioambiental, la gestión del agua y la seguridad hídrica*

Palabras clave: *América Latina; Cooperación Internacional; Salud.*

Abstract: *This report covers the main geopolitical, political, economic, and health issues in Latin America. In the areas of geopolitics and politics, the focus is on the countries' positions in the General Assembly, the electoral process, and the alignment of governments such as those of Argentina and Venezuela. Economically, moderate growth persists as a result of regional policies, but critical minerals and foreign investment are gaining in importance; socially, migration and gender issues have taken center stage over the past two weeks. In the health sector, measles figures are cause for concern, and dengue cases are expected to rise due to the impact of the super El Niño. Regarding regional organizations, we note that the Organization of American States (OAS) carried out its agenda related to democracy, human rights, and regional security; the Andean Health Organization—Hipólito Unanue Agreement (ORAS-CONHU) participated in discussions on vaccination and public health security at the borders between Bolivia and Peru; the Executive Secretariat of the Council of Ministers of Health of Central America and the Dominican Republic (SE-COMISCA) participated in meetings on public health security, environmental monitoring, and health promotion; and the Amazon Cooperation Treaty Organization (OTCA) held meetings on environmental monitoring, water management, and water security.*

Keywords*: Latin America; International Cooperation; Health.*

Apresentação

A segunda quinzena de setembro continuou marcada pela crescente ***centralidade da geopolítica*** e da ***segurança*** na agenda latino-americana, em um contexto de ***intensa atividade diplomática em torno da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas***. A disputa por influência no Hemisfério Ocidental, o combate ao narcotráfico, as relações com os Estados Unidos, a ***situação na Venezuela*** e as ***próximas eleições brasileiras*** moldaram grande parte do cenário regional[1].

Ao mesmo tempo, persistiram *crises humanitárias e* ***sociais*** *associadas à violência, ao deslocamento e à migração, particularmente no Haiti*. Economicamente, a região manteve um *crescimento moderado*, enquanto *novos fatores estratégicos ganharam importância: minerais críticos, inteligência artificial, investimento estrangeiro, energia e mudanças climáticas*.

Na área da ***saúde***, o período foi marcado pela evolução dos surtos de sarampo, pela vigilância da dengue e pela crescente preocupação com os efeitos do El Niño na saúde. O fim do período também coincide com o início do 63º Conselho Diretor da OPAS, que coloca as

[1] Durante esse período, podemos observar algumas tendências: geopoliticamente, há uma crescente competição por influência na América Latina e no Caribe. Em termos de segurança, o narcotráfico e o crime organizado continuam a ocupar um lugar central nas agendas nacionais e hemisféricas. Politicamente, há muita expectativa e atenção voltadas para o Brasil, que é o centro das atenções devido ao seu processo eleitoral e à polarização na região. No que diz respeito à soberania dos países da região, o debate entre intervenção externa e autonomia regional está se intensificando. A Venezuela está gradualmente reintegrando-se aos espaços de cooperação econômica e financeira. Há um aumento da violência, dos deslocamentos e da migração, que continuam a gerar significativas necessidades humanitárias. A economia apresenta crescimento moderado, baixa produtividade e restrições fiscais. Além disso, há uma crescente importância dos minerais críticos, da energia, da inteligência artificial e do investimento estrangeiro.

emergências sanitárias, a resistência antimicrobiana, as arboviroses, a segurança alimentar e a arquitetura global de saúde na agenda regional.

Na **integração regional**, a OEA cumpriu a agenda nos temas de democracia e direitos humanos, enquanto ORAS-CONHU focou em vacinação fronteiriça, SECOMISCA em vigilância ambiental e saúde global e OTCA também trabalhou com monitoramento ambiental.

GEOPOLÍTICA

Os Estados Unidos reforçam sua agenda de segurança hemisférica.

Um dos principais eventos do período foi o aprofundamento da política dos EUA voltada para a retomada de um papel central na segurança hemisférica.

Durante a Assembleia Geral da ONU, Donald Trump defendeu uma política mais ativa contra os cartéis de drogas e propôs uma cooperação regional estruturada em torno do "***Escudo das Américas***".

A iniciativa reúne diversos governos latino-americanos, enquanto Brasil e México permanecem fora do mecanismo. A Reuters informou que Washington busca vincular o combate ao narcotráfico a uma maior coordenação militar e de segurança regional[2].

Isso aprofunda uma divisão geopolítica na América Latina com:

- Governos que priorizam maior cooperação em segurança com Washington;
- Governos que defendem mecanismos regionais autônomos;
- Países que buscam manter relações simultâneas com os Estados Unidos, a China e outros atores globais.

Embora a região não esteja dividida em blocos geopolíticos rígidos, mas sim apresente um mosaico de alinhamentos:

- Um grupo de governos aprofunda a cooperação em segurança com Washington; Brasil e México promovem maior autonomia regional; e
- Um amplo conjunto busca diversificar suas relações entre os Estados Unidos, a China, a Europa, a Índia, os BRICS e os mecanismos latino-americanos.

Para fins analíticos, elaboramos a seguinte tabela:

[2] O presidente Donald Trump prometeu reafirmar a supremacia dos EUA no Hemisfério Ocidental e usar "poder militar incomparável" contra ameaças na região, ao mesmo tempo em que mobilizava aliados em torno de uma campanha crescente contra os cartéis de drogas.
Em discurso para líderes mundiais na Assembleia Geral da ONU, Trump descreveu os cartéis de drogas como "o Estado Islâmico do Hemisfério Ocidental" e pediu uma resposta mais dura ao crime transnacional. Ver: https://www.reuters.com/world/americas/trump-vows-unmatched-military-might-he-rallies-regional-anti-cartel-allies-2026-09-22

Tabela: Orientações geopolíticas dos governos latino-americanos

Orientação predominante	Países	Principais Características Observáveis
Maior cooperação em segurança com Washington	Argentina, Equador, El Salvador, Colômbia, Peru, Paraguai, Costa Rica, República Dominicana, Panamá, Honduras, Guatemala, Guiana, Trinidad e Tobago, Bolívia e Chile[3]	Participação ou envolvimento com o "Escudo das Américas", cooperação no combate ao narcotráfico e ao crime organizado, compartilhamento de informações e maior coordenação de segurança com os EUA. Em 22 de setembro, 14 países da América Latina e do Caribe participaram da reunião do Escudo em Nova York[4].
Defesa de mecanismos regionais autônomos / maior autonomia estratégica	Brasil, México, Bolívia	A CELAC prioriza o multilateralismo, a soberania nacional, a cooperação regional e rejeita o envolvimento militar externo como mecanismo central de segurança. Brasil e México defenderam explicitamente a CELAC como o principal fórum de diálogo e uma OEA "autônoma e inclusiva"[5].
Estratégia de diversificação / relações simultâneas	Brasil, México, Chile, Perú, Argentina, Uruguay, Colombia, Bolivia y varios países del Caribe	Eles mantêm relações com os EUA, mas simultaneamente desenvolvem laços econômicos, comerciais, tecnológicos e diplomáticos com a China, a UE, a Índia, os BRICS e outros atores. A expansão da China como parceira comercial e a influência dos BRICS apoiam essa estratégia de diversificação[6].
Posição particularmente próxima de Washington em matéria de segurança	*Argentina, Equador, El Salvador, Colômbia e Peru*	Trata-se do núcleo mais visível da atual cooperação hemisférica promovida por Washington. O Equador recebeu compromissos adicionais de financiamento e equipamentos dos EUA; a Colômbia e o Peru avançaram na cooperação em segurança, e a Argentina participa ativamente da Operação Escudo.
Posição de autonomia estratégica mais acentuada	Brasil e México	Eles não participam do Escudo das Américas e defendem que o combate ao crime organizado deve ser baseado na cooperação internacional, respeitando a soberania, sem intervenção militar externa. Lula afirmou isso explicitamente perante a ONU[7].

Fonte: elaborado pelos autores

[3] O Chile requer esclarecimentos: o governo de José Antonio Kast demonstra uma orientação favorável ao aprofundamento da cooperação com Washington em segurança e comércio, mas, até 22 de setembro, ainda não havia formalizado sua adesão ao Escudo das Américas.

[4] https://www.reuters.com/world/americas/trump-vows-unmatched-military-might-he-rallies-regional-anti-cartel-allies-2026-09-22

[5] https://www.gob.mx/sre/prensa/joint-statement-on-the-occasion-of-the-6th-meeting-of-the-mexico-brazil-binational-commission

[6] https://www.as-coa.org/articles/xi-visits-trump-five-charts-chinas-latin-america-ties

[7] https://www.reuters.com/world/americas/brazil-needs-cooperation-not-intervention-fight-crime-lula-says-2026-09-22

A posição do Brasil foi particularmente explícita. Lula argumentou perante a ONU que o Brasil deve combater o crime organizado por meio da cooperação internacional e não por meio de intervenção externa, vinculando essa questão à defesa da soberania nacional[8]. O discurso do presidente Lula está reproduzido na íntegra neste caderno.

Assim como no futebol, ***Argentina*** e ***Brasil*** apresentaram posições claramente distintas e conflitantes sobre diversos temas na 81ª Assembleia Geral da ONU. ***Lula*** defendeu que o combate ao crime organizado deve ser realizado por meio da cooperação internacional e regional, mas sem intervenção militar estrangeira. Ele também vinculou a segurança à soberania, à democracia e à reforma do sistema internacional[9]. ***Milei***, por sua vez, utilizou seu discurso para promover uma agenda focada na liberdade econômica, nos valores ocidentais, na segurança estratégica e em uma relação próxima com os Estados Unidos e Israel. Seu discurso oficial na ONU foi proferido em 23 de setembro[10].

Já em sua fala, o presidente uruguaio ***Yatmandu Orsi*** afirmou sua solidariedade e condenação ao bloqueio contra Cuba: *"Não podemos ser indiferentes" a um "bloqueio econômico severo como o sofrido pelo povo cubano*[11]*"*.

A Venezuela volta a ser o centro das atenções

A situação venezuelana mantém uma forte dimensão regional e hemisférica[12]. A transição política, iniciada após a saída de Nicolás Maduro e a consolidação do governo liderado por Delcy Rodríguez, colocou a Venezuela no centro de uma nova configuração das relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Durante a 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas, Rodríguez realizou reuniões com autoridades americanas e instituições financeiras internacionais, enquanto Donald Trump aprofundou publicamente sua estratégia de recuperação da influência dos EUA no hemisfério[13].

Na frente geopolítica, a Venezuela tornou-se um componente da estratégia dos EUA para fortalecer sua presença no hemisfério. Washington vincula a questão venezuelana ao combate ao narcotráfico, à segurança regional e ao controle das atividades criminosas transnacionais. A criação de mecanismos como o Escudo das Américas reflete essa tendência, embora a participação latino-americana não seja uniforme: alguns governos estão aprofundando sua cooperação em segurança com Washington, enquanto outros mantêm maiores reservas quanto a uma bilateralização da segurança hemisférica[14].

---

[8] https://www.reuters.com/world/americas/brazil-needs-cooperation-not-intervention-fight-crime-lula-says-2026-09-22

[9] https://www.reuters.com/world/americas/brazil-needs-cooperation-not-intervention-fight-crime-lula-says-2026-09-22

[10] https://www.casarosada.gob.ar/slider-principal/51375-discurso-del-presidente-javier-milei-ante-la-81-sesion-de-la-asamblea-general-de-la-onu-en-nueva-york

[11] https://ladiaria.com.uy/politica/articulo/2026/9/orsi-en-la-onu-no-podemos-ser-indiferentes-ante-un-ferreo-bloqueo-economico-como-el-que-sufre-el-pueblo-cubano/

[12] https://www.reuters.com/world/americas/us-drops-venezuela-drug-list-may-remove-colombia-trump-says-2026-09-16

[13] https://www.reuters.com/world/americas/venezuelan-delegation-led-by-rodriguez-discuss-debt-energy-us-sources-say-2026-09-21

[14] https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/instability-venezuela

A dimensão energética também está adquirindo importância estratégica. As negociações entre Caracas e Washington incluem petróleo, mineração, dívida e recuperação de ativos. A delegação venezuelana que participou da Assembleia Geral manteve conversas com o BID, o FMI e o Banco Mundial, além de avançar nas negociações com empresas americanas sobre hidrocarbonetos e outros recursos. Isso transforma a Venezuela em um espaço onde convergem a reconstrução econômica, os interesses energéticos e a competição geopolítica[15].

A questão da migração continua a ter efeitos regionais. A Venezuela gerou um dos maiores deslocamentos populacionais do hemisfério: o ACNUR registrou 6,9 milhões de refugiados e migrantes venezuelanos em 17 países até o final de 2025. Embora a migração para o norte tenha diminuído significativamente, a mobilidade venezuelana continua a influenciar as políticas de migração e proteção da Colômbia, Brasil, Peru, Equador, Panamá, Costa Rica, México e Estados Unidos[16].

A segurança das fronteiras é outra área de preocupação. Particularmente para a Colômbia, a situação venezuelana está ligada à movimentação de grupos armados, economias ilícitas, tráfico de pessoas e controle territorial em áreas fronteiriças. Análises regionais indicam que a fragilidade simultânea das áreas fronteiriças venezuelanas e colombianas pode facilitar a expansão de organizações criminosas e aumentar a vulnerabilidade das populações migrantes. Por fim, a Venezuela tornou-se um caso paradigmático no novo debate sobre a autonomia latino-americana. O crescente envolvimento dos Estados Unidos levanta questões sobre o equilíbrio entre a cooperação hemisférica em matéria de segurança e a preservação dos mecanismos regionais de autonomia. Soma-se a isso a presença da China e de outros atores externos, que mantêm interesses econômicos e estratégicos na região[17].

Ao mesmo tempo, o Banco Interamericano de Desenvolvimento começou a elaborar um plano de engajamento de dois anos com a Venezuela, inicialmente focado em energia elétrica, proteção social e uma avaliação da situação macroeconômica[18].

A combinação de segurança, petróleo, reconstrução, energia elétrica e proteção social torna, mais uma vez, a Venezuela um palco relevante para disputas e cooperação internacionais[19].

A 81ª Assembleia Geral da ONU como espaço para debate e cooperação

A Semana de Alto Nível da ONU, realizada entre 18 e 28 de setembro, reuniu as principais figuras mundiais. A agenda incluiu desenvolvimento sustentável, mudanças climáticas, elevação do nível do mar e prevenção e preparação para pandemias[20].

---

[15] https://www.reuters.com/world/americas/venezuelan-delegation-led-by-rodriguez-discuss-debt-energy-us-sources-say-2026-09-21

[16] https://www.unhcr.org/sites/default/files/2026-06/global-report-2025-situation-overview-venezuela.pdf

[17] https://www.csis.org/analysis/after-maduro-human-trafficking-and-vulnerability-venezuelan-migrants-colombia

[18] O Banco Interamericano de Desenvolvimento está elaborando um plano de atuação de dois anos para a Venezuela, com foco, em parte, em eletricidade e proteção social, segundo o presidente do BID, Ilan Goldfajn. Ver: https://www.reuters.com/world/americas/idb-drafts-two-year-venezuela-plan-says-electricity-social-needs-are-key-2026-09-21

[19] https://spam.ceip.org/research/2026/09/recasting-american-power-in-latin-america

[20] https://www.un.org/es/ga/81/meetings/

Para a América Latina e o Caribe, a Assembleia proporcionou uma oportunidade para colocar os seguintes temas na agenda internacional:

1. desenvolvimento e desigualdade	2. financiamento
3. mudanças climáticas	4. transição energética
5. cooperação internacional	6. reforma da governança global
7. saúde e preparação para pandemias	8. autonomia regional em relação às grandes potências

Durante a Semana de Alto Nível, a CEPAL destacou a necessidade de fortalecer a cooperação regional, as capacidades institucionais e a integração internacional da América Latina e do Caribe na nova realidade geopolítica[21]

SITUAÇÃO POLÍTICA

Brasil: eleições, polarização e segurança

As eleições brasileiras assumem importância hemisférica devido ao peso político, econômico e estratégico do Brasil na América Latina. O processo eleitoral não apenas definirá a direção interna do país, mas também terá implicações para suas relações com os Estados Unidos e a China, o equilíbrio entre cooperação hemisférica e autonomia regional, a agenda de segurança, a integração latino-americana e o engajamento internacional da América do Sul. Em um contexto de crescente competição geopolítica e fragmentação regional, a orientação do próximo governo brasileiro será particularmente relevante para moldar os laços entre a América Latina, Washington e outros atores globais.

Pesquisas publicadas em 21 de setembro mostravam uma disputa acirrada entre Luiz Inácio Lula da Silva e Flávio Bolsonaro em um possível segundo turno, com diferenças dentro da margem de erro das pesquisas[22].

Além das pesquisas, que atuam como medições situacionais e não resultados eleitorais, três temas importantes emergem no processo eleitoral brasileiro e têm sido recorrentes em outras discussões eleitorais e políticas da região:

1. Polarização política.
2. Disputas sobre democracia, soberania e participação internacional.
3. Segurança e a infiltração do crime organizado na política[23].

México: revisão do acordo comercial com os Estados Unidos

O México iniciou o período com um novo capítulo na revisão do USMCA.

A presidente Claudia Sheinbaum indicou que o México está avaliando o aumento de suas importações dos Estados Unidos e a redução de algumas importações de terceiros países, em

[21] https://www.cepal.org/pt-br/node/91057

[22] O presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e o senador Flávio Bolsonaro permanecem tecnicamente empatados em um segundo turno simulado antes da próxima eleição. Ver: https://www.reuters.com/world/americas/brazils-lula-would-beat-bolsonaro-by-1-point-runoff-suggests-btgnexus-poll-2026-09-21

[23] https://www.reuters.com/world/americas/gangs-gain-influence-brazil-seeks-shield-election-candidates-with-criminal-ties-2026-09-22

resposta às preocupações americanas com o déficit comercial[24]. A presidente Claudia Sheinbaum anunciou que o México planeja comprar mais produtos dos Estados Unidos e reduzir as importações de outros países como parte de uma revisão do Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA).

O processo confirma a importância estratégica da relação México-Estados Unidos e aumenta as tensões entre a integração produtiva dos Estados Unidos e a diversificação comercial mexicana. Essa questão poderá ter consequências para investimentos, cadeias de suprimentos, indústria automotiva, tecnologia e comércio regional.

A revisão do USMCA aprofunda a disputa sobre o futuro da integração econômica norte-americana. Washington[25] busca fortalecer as regras de origem, reduzir o déficit comercial e limitar a penetração de terceiros países nas cadeias produtivas regionais, enquanto o México busca preservar o acesso preferencial ao mercado americano e ampliar seu poder de negociação. O processo assume uma dimensão geopolítica devido à sua conexão com a competição econômica entre os Estados Unidos e a China.

Argentina: Tensão entre a agenda internacional e o conflito político interno

Durante esse período, Javier Milei participou da Assembleia Geral da ONU e buscou projetar sua agenda econômica e seu alinhamento com Washington internacionalmente[26].

A Argentina aprofundou sua aproximação estratégica com os Estados Unidos por meio do lançamento do ***Corredor Andes-Atlântico***[27]. A iniciativa, apresentada durante a Assembleia Geral da ONU, conecta infraestrutura ferroviária, portuária e energética com o desenvolvimento de Vaca Muerta, minerais críticos e infraestrutura digital. O acordo incorpora instrumentos financeiros dos EUA e busca integrar os recursos argentinos às cadeias de suprimentos voltadas para os mercados ocidentais. Em termos de política externa, representa um novo nível de convergência econômica e estratégica com Washington e posiciona a Argentina na arquitetura estadunidense de corredores de infraestrutura e cadeias de suprimentos críticas no Hemisfério Ocidental.

Simultaneamente, no âmbito interno, o governo enfrentou dificuldades para aprovar o Orçamento de 2027, principalmente devido a preocupações relacionadas a pessoas com deficiência, educação, ciência, habitação e cultura.

A situação argentina apresenta, portanto, uma dupla dimensão: maior projeção internacional do governo; e negociações e conflitos políticos internos em torno de gastos públicos e políticas sociais.

---

[24] https://www.reuters.com/world/americas/mexico-plans-boost-us-imports-part-trade-treaty-review-sheinbaum-says-2026-09-21

[25] https://ustr.gov/about/policy-offices/press-office/press-releases/2026/july/joint-statement-ambassador-jamieson-greer-and-mexican-secretary-economy-marcelo-ebrard

[26] https://elpais.com/argentina/2026-09-21/milei-viaja-a-la-onu-mientras-sus-aliados-se-rebelan-contra-el-presupuesto-2027.html

[27] Trata-se de uma iniciativa bilateral para modernizar a infraestrutura que conecta as regiões agrícolas da Argentina aos portos do Atlântico e aos mercados ocidentais. O acordo foi anunciado pelo Ministro das Relações Exteriores, Pablo Quirno, e pelo Subsecretário de Estado dos EUA, Christopher Landau. https://www.state.gov/translations/spanish/declaracion-conjunta-sobre-el-lanzamiento-del-corredor-andes-atlantico

Haiti: crise política, segurança e emergência humanitária

O Haiti permanece um dos principais centros de instabilidade política e social na América Latina e no Caribe. A violência armada continua a se espalhar para além de Porto Príncipe. A OIM relatou que quase 1,5 milhão de pessoas estão deslocadas internamente e que cerca de 80% delas estão fora da capital[28].

Durante o mesmo período analisado, a OIM registrou novos deslocamentos ligados à violência armada em Saint-Marc e Verrettes, no departamento de Artibonite, em 12 de setembro[29]. O Haiti representa atualmente um caso paradigmático da inter-relação entre violência; deslocamento; insegurança alimentar; deterioração das condições de saúde; perda da capacidade estatal; e crise de legitimidade institucional.

SITUAÇÃO SOCIAL

Violência, deslocamento e migração

A violência continua sendo um dos principais fatores que impulsionam a mobilidade humana na região.

O ACNUR estima que existam 20,3 milhões de pessoas deslocadas à força ou apátridas nas Américas, em um contexto de convergência entre violência, desigualdade, insegurança e mudanças climáticas[30].

O UNICEF também estima que, até 2026, 11,3 milhões de pessoas na América Latina e no Caribe, incluindo 3,9 milhões de crianças e adolescentes, precisarão de assistência humanitária devido à violência armada e à migração insegura. As crianças correm o risco de exploração, recrutamento por grupos armados e sofrimento psicológico. Mulheres e meninas enfrentam riscos de proteção[31].

Isso confirma que a migração não é mais apenas uma questão de fronteiras, mas agora envolve proteção social, saúde, educação, segurança, crianças, emprego, moradia e direitos humanos. A violência ligada ao crime organizado, as mudanças econômicas, as políticas migratórias em constante evolução, o aumento das deportações e dos retornos, bem como o crescente impacto dos riscos climáticos, irão redefinir a migração na América Latina e no Caribe, e essa tendência se torna cada vez mais evidente.

Proteção social e novos sistemas de informação

Durante esse período, a CEPAL reuniu representantes de países da região para analisar o fortalecimento dos cadastros sociais[32]. Esses instrumentos estão se tornando cada vez mais importantes para identificar famílias vulneráveis e melhorar a capacidade dos Estados de responder a crises econômicas, climáticas e demográficas.

---

[28] https://currently.att.yahoo.com/att/nearly-1-5-million-displaced-141602191.html
[29] https://dtm.iom.int/es/regions/latin-america-and-the-caribbean
[30] https://www.acnur.org/donde-trabajamos/americas
[31] https://www.unicef.org/appeals/children-on-the-move-in-latin-america
[32] https://www.cepal.org/es/eventos/encuentro-presencial-2026-la-red-registros-sociales-america-latina-caribe

O desafio regional reside na transição de políticas sociais exclusivamente compensatórias para sistemas de proteção social capazes de abordar simultaneamente a pobreza, a informalidade, a migração, o envelhecimento da população e os impactos climáticos.

Gênero e violência contra as mulheres

No Brasil, a campanha eleitoral incorporou com maior intensidade a questão do feminicídio e da violência contra a mulher. O debate parece estar ligado à significativa importância eleitoral das mulheres e às demandas de organizações sociais por políticas específicas para sua proteção e participação política[33].

A questão também assumiu uma dimensão política mais ampla: em 22 de setembro, o Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) informou que os casos de violência política de gênero aumentaram de 15 em 2022 para 177 em setembro de 2026, enquanto o Ministério Público Federal (MPF) registrou 436 denúncias desde 2018. O TSE e o MPF lançaram a campanha "Política é Feminina" para abordar esse fenômeno[34].

A questão também foi incorporada ao debate internacional: em setembro, a ONU Mulheres apresentou dez propostas para as eleições brasileiras, incluindo prevenção e resposta à violência contra a mulher, combate ao sexismo, políticas de assistência, igualdade salarial e maior participação feminina em cargos de poder[35].

Um elemento particularmente significativo é que as mulheres representam 52,8% do eleitorado, mas permanecem sub-representadas em cargos políticos. A ONU Mulheres observa que elas ocupam apenas 17,2% das cadeiras na Câmara dos Deputados e 18,5% no Senado.

Essa questão reforça uma tendência regional: a violência de gênero está cada vez mais interligada às agendas de segurança, direitos humanos e políticas sociais.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Crescimento regional moderado

A CEPAL mantém sua projeção de crescimento regional de 2,2% para 2026, em um contexto caracterizado por tensões geopolíticas, condições financeiras restritivas, pressões inflacionárias e desaceleração do comércio internacional[36].

O cenário continua a mostrar diferenças significativas entre países e sub-regiões.

O principal problema estrutural permanece sendo uma combinação de: baixo crescimento; baixa produtividade; desigualdade; e espaço fiscal limitado.

---

[33] https://elpais.com/america/2026-09-21/el-feminicidio-y-las-votantes-logran-espacio-en-la-campana-presidencial-mas-masculina-del-siglo-en-brasil.html

[34] https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2026-09/casos-de-violencia-politica-de-genero-crescem-11-vezes-em-4-anos

[35] https://brasil.unwomen.org/pt-br/stories/aviso-a-imprensa/2026/09/release-10-propostas-2026

[36] https://www.cepal.org/es/comunicados/america-latina-caribe-crecera-22-2026-un-contexto-internacional-caracterizado-conflictos

Investimento estrangeiro e nova geoeconomia

América Latina ingressa em uma nova etapa da competição geoeconômica global, na qual o investimento estrangeiro está cada vez mais associado à disputa por minerais críticos, energia, infraestrutura, tecnologia e cadeias de suprimento. Estados Unidos e China ampliam sua presença econômica regional, enquanto países latino-americanos procuram aproveitar a competição para atrair capital e diversificar suas economias. O desafio regional passa a ser transformar o aumento do investimento em capacidade produtiva, transferência tecnológica e maior agregação de valor, evitando a reprodução de uma inserção baseada predominantemente na exportação de recursos naturais.

Em setembro, a CEPAL destacou a necessidade de considerar o investimento estrangeiro direto como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento produtivo, em um contexto internacional de crescente competição por setores tecnológicos e estratégicos[37]. Isso se torna particularmente importante na América Latina devido a minerais críticos; lítio; cobre; recursos energéticos; hidrogênio; semicondutores; infraestrutura digital; e inteligência artificial.

A disputa por esses setores está transformando a relação entre economia e geopolítica. A disputa já não é somente "*quem compra os recursos latino-americanos*", mas "*quem controla as cadeias de valor, a tecnologia, o financiamento e a infraestrutura necessária para transformá-los em poder econômico*".

Inteligência artificial: oportunidades e riscos no ambiente de trabalho

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) divulgou estimativas durante o período indicando que a adoção generalizada da inteligência artificial poderia impulsionar a produção regional em 5,1% na próxima década[38].

No entanto, o impacto sobre os salários dependeria da capacidade dos trabalhadores de migrarem para setores em expansão. O BID estima que, em certos cenários, os salários poderiam aumentar entre 2,3% e 5,3%, enquanto uma transição insuficiente poderia levar a reduções significativas. A questão central, portanto, passa de simplesmente "incorporar a IA" para garantir o acesso à IA, a educação, o treinamento, a produtividade e as proteções trabalhistas.

El Niño como risco econômico e social

Um dos eventos econômicos mais significativos do período foi o alerta da CEPAL sobre o fortalecimento do fenômeno El Niño[39].

Segundo estimativas da organização regional, um evento extremo de El Niño causará uma perda cumulativa de pelo menos 2% do Produto Interno Bruto (PIB) da região ao longo de um período de três anos, metade da qual ocorrerá durante o primeiro ano. Além disso, o impacto negativo na renda familiar poderá aumentar a pobreza em até 4,8 milhões de pessoas adicionais até o final da década, em comparação com um cenário sem El Niño.

---

37 https://www.cepal.org/es/publicaciones/90300-claves-la-cepal-desarrollo-ndeg-27-la-inversion-extranjera-directa-america

38 https://www.reuters.com/technology/ai-could-boost-latam-caribbean-economy-51-wages-may-fall-idb-says-2026-09-21

39 https://www.cepal.org/es/comunicados/la-cepal-advierte-que-un-evento-extremo-nino-podria-causar-perdida-al-menos-2-pib

O fenômeno pode afetar simultaneamente diversas variáveis interligadas, como agricultura, produção de alimentos, inflação, emprego, pobreza, saúde e migração. Para evitar que os impactos climáticos levem a crises socioeconômicas prolongadas, a CEPAL insta os governos a adotarem dez medidas estratégicas de políticas públicas:

1. ***Planejamento para as mudanças climáticas***: Integrar o risco climático como critério permanente nas políticas nacionais e nos marcos regulatórios.
2. ***Infraestrutura resiliente e sistemas de alerta precoce:*** Alocar recursos para a proteção física de ativos e infraestruturas estratégicas e implementar sistemas de alerta precoce.
3. ***Mecanismos de financiamento contingencial e seguro climático:*** Estabelecer fundos de reserva, títulos de catástrofe e apólices de seguro para fornecer liquidez imediata.
4. ***Resiliência nas cadeias de produção e assentamentos***: Proteger os meios de subsistência em áreas críticas, como o Corredor Seco e as comunidades pesqueiras, entre outras.
5. ***Ecossistemas resilientes e sustentabilidade:*** Restaurar barreiras naturais (recifes e manguezais) e implementar quotas e períodos de defeso dinâmicos.
6. ***Cooperação regional e integração energética****:* Coordenar a gestão de bacias transfronteiriças e outros recursos compartilhados, e compartilhar reservas de energia entre os países.
7. ***Diversificação da matriz elétrica:*** Promover a complementaridade das energias renováveis (hidrelétrica, solar e eólica) para reduzir a dependência da chuva.
8. ***Gestão integrada da água por bacia:*** Monitorar os fluxos e reservatórios em nível local para priorizar o consumo humano e a geração de energia.
9. ***Redes de proteção social direcionadas:*** fornecer transferências diretas de dinheiro para famílias vulneráveis a fim de conter o aumento da pobreza e da insegurança alimentar.
10. ***Eficiência energética e gestão da demanda urbana***: implementar programas temporários de economia de energia e gerenciar o consumo de pico durante ondas de calor.

SITUAÇÃO DE SAÚDE

Sarampo: Alerta regional continua

O sarampo continua sendo um dos principais problemas epidemiológicos nas Américas.

O relatório da OPAS de 24 de setembro registrou 709 novos casos confirmados durante as semanas epidemiológicas 35 e 36, embora isso represente uma diminuição de 43% em comparação com o período anterior. Os Estados Unidos, Peru, Guatemala e México foram responsáveis pela maioria dos novos casos[40].

A OPAS mantém uma avaliação de risco muito alto devido à persistência de surtos e lacunas na vacinação[41].

O problema tem uma dimensão regional que envolve diversas variáveis, como a diminuição da cobertura vacinal; o acúmulo de populações suscetíveis; a mobilidade

[40] https://www.paho.org/es/documentos/informe-situacion-12-sarampion-region-americas-24-septiembre-2026
[41] https://www.paho.org/es/brote-multi-pais-sarampion-2026

internacional; as dificuldades de acesso aos serviços; a desinformação; e as significativas desigualdades territoriais existentes na região.

O ressurgimento do sarampo é um dos principais desafios de saúde pública para a América Latina e o Caribe em 2026. A região registra o maior número de casos em mais de duas décadas, como consequência das lacunas acumuladas na vacinação, da mobilidade internacional e das dificuldades em garantir vigilância e resposta oportunas.

O desafio vai além do controle dos surtos atuais: exige a restauração das taxas de cobertura acima de 95% com duas doses, o fortalecimento da atenção primária e da vigilância epidemiológica, a redução das desigualdades territoriais e sociais e o aprofundamento da cooperação regional para prevenir o reaparecimento da transmissão endêmica.

Dengue: declínio regional, mas vigilância contínua

Na semana epidemiológica 35, as Américas registraram 1.658.783 casos suspeitos de dengue, uma redução de 57% em comparação com o mesmo período de 2015 e de 64% em comparação com a média dos cinco anos anteriores[42].

Embora a incidência regional de dengue tenha diminuído significativamente em 2026 em comparação com o pico registrado em 2025, a persistência de casos graves e óbitos, a circulação do vírus em diversos países e o ressurgimento da chikungunya e de outras arboviroses mantêm o problema como prioridade de saúde pública.

A expansão dos vetores, as mudanças ambientais, a urbanização e a circulação simultânea de diferentes arboviroses exigem uma mudança de foco, passando de respostas episódicas a epidemias para uma gestão integrada e contínua das arboviroses, que combine vigilância epidemiológica, entomológica e virológica, assistência clínica, controle vetorial, comunicação de riscos e participação da comunidade.

El Niño e a saúde

A OPAS observou em 18 de setembro que o fortalecimento do El Niño está aumentando os riscos à saúde associados a diversos fatores, incluindo secas; insegurança alimentar; dengue e outras arboviroses; incêndios florestais; inundações; e deslocamento populacional[43].

A dimensão sanitária desse fenômeno climático ressalta, mais uma vez, a necessidade de integrar saúde, meio ambiente, agricultura, proteção social e gestão de riscos de desastres.

A intensificação do fenômeno El Niño em 2026-2027 representa novos riscos para a saúde pública regional por meio de ondas de calor, secas, inundações, incêndios florestais, insegurança alimentar e alterações na transmissão de doenças transmitidas por vetores. Seus efeitos podem exacerbar as desigualdades existentes e, simultaneamente, impactar a saúde da população e a continuidade dos serviços de saúde.

---

[42] https://www.paho.org/es/documentos/situacion-epidemiologica-dengue-americas-semana-epidemiologica-35-2026

[43] https://www.paho.org/en/news/news-releases

O desafio para os países reside no fortalecimento dos sistemas de alerta precoce e da vigilância integrada, na incorporação de informações climáticas no planejamento em saúde e na adoção de ações antecipatórias e intersetoriais diante das emergências climáticas[44].

Violência contra profissionais de saúde

Em 24 de setembro, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) alertou sobre a persistência da violência contra profissionais de saúde.

Um estudo multicêntrico citado pela OPAS, realizado em 22 países — 20 deles na América Latina — constatou que 66,7% dos profissionais de saúde entrevistados sofreram algum tipo de agressão no ano anterior; aproximadamente um em cada dez incidentes envolveu violência física. Globalmente, a estimativa da OPAS indica que 62% dos profissionais de saúde já sofreram algum tipo de violência no local de trabalho[45].

Esse fenômeno tem consequências não apenas para os próprios trabalhadores, mas também para a capacidade dos sistemas de saúde de manter os serviços em situações de crise.

Isso representa, sem dúvida, um novo desafio para os sistemas de saúde nas Américas. Em 2026, a violência contra profissionais de saúde ganhou maior visibilidade como um problema de saúde pública, direitos humanos e funcionamento do sistema de saúde. O fenômeno afeta particularmente os profissionais da linha de frente e da enfermagem, e tem consequências como absenteísmo, esgotamento profissional, rotatividade e continuidade dos serviços. A resposta exige políticas de proteção no local de trabalho, sistemas de notificação e registro, apoio psicossocial e coordenação entre os setores de saúde, segurança, justiça e trabalho.

Nova agenda regional de saúde

O período culmina com o início da 63ª reunião do Conselho Diretor da OPAS, em 28 de setembro.

A agenda inclui temas-chave como preparação e resposta a emergências; resistência antimicrobiana; arbovírus; segurança alimentar; imunização; eliminação de doenças; fortalecimento da estratégia de atenção primária à saúde; saúde digital; acesso a medicamentos e vacinas; fortalecimento dos Fundos Rotativos da OPAS; e a implementação do Regulamento Sanitário Internacional.

Além disso, estão previstas discussões sobre a reforma da arquitetura global de saúde, um tema especialmente relevante para o debate sobre a governança global da saúde.

O *problema financeiro da OPAS* é um dos seus desafios institucionais mais significativos: para o biênio 2026-2027, o orçamento total proposto pela OPAS é de US$ 762 milhões, mas a própria Organização estima que os programas principais seriam financiados inicialmente em cerca de 81%, deixando uma lacuna de aproximadamente US$ 123 milhões[46].

---

[44] https://www.theguardian.com/environment/2026/sep/23/el-nino-450000-extra-deaths-six-months?CMP=Share_iOSApp_Other

[45] https://www.paho.org/en/news/24-9-2026-violence-against-health-workers-remains-challenge-health-systems-americas-paho-warns

[46] https://pbdigital.paho.org/en/pb-2026-2027

Além disso, em junho passado, o Diretor Jarbas Barbosa informou que, apesar de uma redução de 19% no orçamento aprovado, das medidas de contenção de custos e das contribuições adicionais, ainda restava um déficit de US$ 138 milhões para os programas principais do biênio, juntamente com aproximadamente US$ 179 milhões em contribuições obrigatórias pendentes. A OPAS eliminou 220 posições para preservar as funções técnicas e os escritórios nacionais[47].

O 63º Conselho Diretor da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) reúne-se num contexto marcado pela convergência de desafios nas áreas da saúde, do clima, da economia e da geopolítica. A Organização deve fortalecer a preparação para emergências, controlar a disseminação de arbovírus, combater a resistência antimicrobiana e garantir o acesso regional a vacinas, medicamentos e tecnologias, tudo isso enfrentando restrições financeiras.

A relação com os Estados Unidos permanece central para a arquitetura de saúde hemisférica, embora se desenvolva num contexto de prioridades redefinidas e maior incerteza quanto à cooperação e ao financiamento internacionais. Paralelamente, a crescente presença da China e de outros atores está alterando o panorama geoeconômico e tecnológico.

Para a América Latina e o Caribe, o desafio reside em alavancar a cooperação internacional sem abrir mão da capacidade de tomada de decisão regional e em preservar a OPAS como um espaço para a cooperação em saúde, o diálogo político e o desenvolvimento de bens públicos regionais.

A disputa geopolítica não afeta apenas a saúde; está também transformando quem financia, quem produz, quem controla e quem decide sobre os bens de saúde pública e a cooperação em saúde na América Latina, embora a discussão sobre a reforma da Arquitetura Global de Saúde ainda não tenha sido visível na região.

A *reforma da arquitetura global de saúde ainda não ocupa o lugar que lhe é devido na agenda política latino-americana*[48]. A região participa de discussões globais, mas grande parte do debate permanece fragmentada em torno de questões específicas — financiamento, pandemias, medicamentos, vacinas, tecnologias e sistemas de saúde — sem uma posição regional consolidada sobre a arquitetura de governança em saúde que deveria emergir. A sessão dedicada à reforma da arquitetura global de saúde, planejada pela OPAS durante seu 63º Conselho Diretor, pode proporcionar uma oportunidade para elevar esse debate e discutir qual o papel que a OPAS, os mecanismos regionais e os países da América Latina e do Caribe devem desempenhar na futura governança global da saúde.

Isso levanta uma questão que consideramos fundamental: *a América Latina simplesmente deseja participar, por meio de seus dois membros (Brasil e México), de um processo de reforma da arquitetura global de saúde concebida principalmente por outros atores, ou deseja desempenhar um papel de liderança na definição do que essa arquitetura deve ser?*

---

47 https://www.paho.org/en/news/15-6-2026-paho-executive-committee-opens-178th-session-focus-key-health-priorities-and

48 Ver TOBAR, S (2026) "*Reformando a Arquitetura Global da Saúde: Oportunidades da Região da América Latina e do Caribe*" Publicado nos Cadernos FIOCRUZ de Saúde Global e Diplomacia da Saúde Disponível em: https://cadernossaudeglobalfiocruz.net/csgf/article/view/552/506

ORGANISMOS REGIONAL E SUBREGIONAIS

A Organização dos Estados Americanos (OEA) cumpriu agenda relacionada à democracia, direitos humanos e segurança regional[49][50][51]

A OEA deu continuidade às discussões sobre a situação política e institucional na Bolívia, acompanhando a implementação das recomendações de sua Missão de Alto Nível e destacando a importância do diálogo e da preservação das instituições democráticas. A Organização também anunciou a preparação de uma nova missão política ao país.

No período, a OEA também avançou na preparação de uma Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores sobre a situação na Nicarágua, prevista para 2 de outubro. No âmbito da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), destacaram-se ainda iniciativas relacionadas à educação inclusiva, à proteção de direitos e à liberdade de expressão.

O Organismo Andino de Saúde (ORAS-CONHU) participou de agenda sobre vacinação e segurança sanitária nas fronteiras entre Bolívia e Peru[52]

O ORAS-CONHU participou do encerramento da Semana Andina de Vacinação em Fronteiras, realizado na região do Lago Titicaca, entre Bolívia e Peru. A iniciativa teve como objetivo fortalecer a imunização e a segurança sanitária das populações que vivem e transitam na região fronteiriça.

Durante a agenda, foram discutidos os riscos relacionados ao sarampo e à febre amarela, além da necessidade de fortalecer a articulação binacional para ampliar a cobertura vacinal e reduzir os riscos associados à circulação de pessoas entre os países. A atividade reforçou a importância da cooperação regional para a prevenção e resposta a doenças transmissíveis nas áreas de fronteira.

A Secretaria Executiva do Conselho de Ministros de Saúde da América Central e República Dominicana (SE-COMISCA) participou de agendas sobre segurança sanitária, vigilância ambiental e promoção da saúde[53][54][55]

A SE-COMISCA e os Centros para o Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) realizaram, entre os dias 16 e 18 de setembro, em San Salvador, jornadas de diálogo sobre o segundo ano do Acordo Cooperativo de Saúde Global 2025–2030. As instituições avaliaram os

---

[49] *OAS General Secretariat Reaffirms the Need for Dialogue and Social Peace in Bolivia*. Link: https://oas.org/es/centro_noticias/comunicado_prensa.asp?sCodigo=C-097%2F26&utm

[50] *OAS Meeting of Consultation of Ministers of Foreign Affairs to Consider the Situation in Nicaragua*. Link: https://www.oas.org/en/media_center/press_release.asp?sCodigo=AVI-104%2F26&utm

[51] Comunicados e medidas sobre direitos humanos, educação inclusiva e liberdade de expressão. Link: https://www.oas.org/en/media_center/press_releases.asp?nAnio=2026&nMes=9&utm_source=chatgpt.com

[52] *Bolivia y Perú refuerzan vacunación en Carabuco y Puno en el cierre de la Semana Andina de Vacunación en Fronteras*. Link: https://orasconhu.org/es/bolivia-y-peru-refuerzan-vacunacion-en-carabuco-y-puno-en-el-cierre-de-la-semana-andina-de-vacunacion-en-fronteras

[53] A cooperação com os CDC e o Acordo Cooperativo de Saúde Global 2025–2030.

[54] 2º Workshop Regional do Caribe e América Central sobre Vigilância de Águas Residuais e Ambiental. Link: https:https://www.sica.int/noticias/desarrollamos-segundo-taller-regional-del-caribe-y-centroamerica-sobre-priorizacion-de-la-vigilancia-de-aguas-residuales-y-ambiental-wes_1_139504.html

[55] *Semana del Bienestar 2026 – Promoviendo salud, transformando entornos*. https://x.com/SECOMISCA/status/2103583310509117548

resultados do primeiro ano e discutiram o planejamento das próximas ações, com foco no fortalecimento das capacidades regionais e da segurança sanitária.

A SE-COMISCA também participou do 2º Workshop Regional do Caribe e América Central sobre Vigilância de Águas Residuais e Ambiental, realizado em conjunto com a Agência de Saúde Pública do Caribe (CARPHA). O encontro promoveu o intercâmbio técnico sobre o uso da vigilância ambiental para detecção precoce, prevenção e resposta a ameaças à saúde pública.

Por fim, entre os dias 21 e 25 de setembro, a SE-COMISCA promoveu a Semana do Bem-Estar 2026, sob o lema "Promoviendo salud, transformando entornos". A iniciativa envolveu os países da região do SICA em atividades voltadas à promoção da saúde, autocuidado, atividade física, alimentação saudável, saúde mental e prevenção de doenças.

A Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) cumpriu agenda nos temas de monitoramento ambiental, gestão da água e segurança hídrica [565758]

A OTCA divulgou a segunda edição do Boletim de Monitoramento Ambiental da Amazônia, que apontou redução das chuvas e aumento dos focos de calor na região em agosto. Das 32 sub-bacias analisadas, 18 apresentaram condições secas, enquanto os focos de calor passaram de 2.757, em julho, para 12.123, em agosto.

No tema de recursos hídricos, a Rede Amazônica de Autoridades da Água (RADA) aprovou o Plano de Trabalho 2026–2028, que estabelece ações para fortalecer a Gestão Integrada dos Recursos Hídricos na Amazônia. Entre as prioridades estão o intercâmbio de dados hidrometeorológicos, a atualização do Programa de Ações Estratégicas e a estruturação de projetos voltados à segurança hídrica e à resiliência climática.

Além disso, a Organização iniciou um ciclo de oficinas nacionais sobre o Nexus Água–Alimentos–Energia–Ecossistemas (WEFE), que será realizado nos oito Países Membros. A iniciativa busca incorporar de forma integrada esses quatro componentes à gestão da Bacia Amazônica e atualizar a avaliação regional sobre o tema.

Considerações Finais

O período de 12 a 28 de setembro de 2026 revela uma região cada vez mais interligada com geopolítica, segurança, economia, mudanças climáticas e saúde.

Diversas hipóteses podem ser propostas para a região:

- A segurança se consolida como um dos principais eixos da política hemisférica, particularmente no que diz respeito ao narcotráfico e ao crime organizado.

---

[56] *Región amazónica registra menos lluvias y fuerte aumento de focos de calor en agosto*. Link: https://otca.org/region-amazonica-registra-menos-lluvias-y-fuerte-aumento-de-focos-de-calor-en-agosto

[57] *RADA aprueba Plan de Trabajo con acciones para fortalecer la gestión del agua en la Amazonía hasta 2028.Link: https://aguasamazonicas.otca.org/rada-aprueba-plan-de-trabajo-con-acciones-para-fortalecer-la-gestion-del-agua-en-la-amazonia-hasta-2028*

[58] *Países amazónicos inician ciclo de talleres para integrar agua, alimentos, energía y ecosistemas en la gestión de la Cuenca Amazónica*. Link: https://aguasamazonicas.otca.org/paises-amazonicos-inician-ciclo-de-talleres-para-integrar-agua-alimentos-energia-y-ecosistemas-en-la-gestion-de-la-cuenca-amazonica

- A relação com os Estados Unidos adquire novamente uma dimensão geopolítica mais intensa, gerando posições diferenciadas entre os governos latino-americanos.
- A polarização política e a competição eleitoral continuam a moldar as agendas nacionais, com o Brasil como palco principal durante esse período.
- As crises sociais e humanitárias não diminuem no mesmo ritmo da recuperação macroeconômica, especialmente no Haiti e ao longo dos corredores migratórios.
- Saúde e mudanças climáticas convergem cada vez mais: sarampo, dengue, El Niño, insegurança alimentar, deslocamento e emergências sanitárias exigem respostas intersetoriais e cooperação regional. Nesse sentido, o período confirma uma tendência que emergiu em relatórios quinzenais anteriores: a América Latina e o Caribe enfrentam simultaneamente uma disputa geopolítica sobre sua posição internacional, uma agenda interna dominada por segurança e desigualdade, e novos riscos decorrentes das mudanças climáticas e tecnológicas.
- A América Latina está discutindo a reforma da Arquitetura Global de Saúde, mas de forma fragmentada, sendo necessário revitalizar e aumentar o envolvimento dos países, dos processos de integração sub-regional e das instituições acadêmicas e da sociedade civil nesse processo.

A 81ª Assembleia Geral da ONU e o início da reunião do Conselho Diretor da OPAS constituem, nesse contexto, dois eventos-chave a serem observados nos próximos dias em relação à capacidade da região de reconstruir mecanismos de diálogo, cooperação e coordenação multilateral.

A região é vulnerável e enfrenta maiores riscos à saúde justamente quando a capacidade financeira para uma resposta coletiva está sob pressão.